(Foto Martinez Pozal)

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FATIMA

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

MAIO DE 1944 — N.º 61

SUMARIO

FLORES E FRUTOS

A Ì vai quási no fim a Primavera...
Foi tôda a natureza a viver luxuosamente: flores e flores e as seivas a subirem da terra pelos troncos acima na conquista da vida.

Ai vai a Primavera. Deus a trouxe — Deus a levará.

Depois, por alturas de S. João, chegará o verão.

Searas em oiro, beijadas do sol — oiro e luz — as searas do pão nosso...

E os vinhedos queimados estirando-se por corregos e baixos, carregadinhos de vinho — o vinho que depois alegrará as nossas mesas...

Pão. Vinho. E as frutas frescas dos pomares e as hortas tôdas aos carreiros, verdinhos, do verde de Portugal...

Tanta riqueza. Tanta fartura...

Celeiros e adegas fartos: os pobresinhos contentes e Deus, no Céu a abençoar.

* * *

Todos os anos é assim. Todos os anos é Deus assim tão bom.

Era desta maneira que todos nós, cada um por seu lado, havia de fazer render a vida.

E há tanta vida por ai sem primavera, sem verão... Sem fartura nenhuma: vidas que não dão nada. Vidas pobres, pobres.

Mocidades, juventudes e idades maduras sem celeiros a encher, sem celeiros cheios...

Há quem viva só à custa de outros, encostado parasitáriamente a outros: sem honestidade e sem personalidade.

Exames e emprêgos que se compram... Recomendações e cunhas...

Entendeu-se que assim mesmo é que se vence na vida e correm todos à uma a colaborar no «crime» de educar uma sociedade que nunca poderá produzir seja o que seja que valha.

Uma pobreza franciscana a ter as suas mais desastradas conseqüências nos caracteres que de dia para dia mais se estragam e rebaixam.

Amor do trabalho honrado e bem feito — amor da obra bem acabada — amor do estudo sério, dos lucros ganhos com paz de consciência... por onde andam, por onde andam?

* * *

Deus nos acuda, ó Mocidade!

A tua parte é imitar o tempo.

Sê como a Primavera: dá flores na alegria e canta, ri e salta.

Fresquinha de alma e coração na Graça do Senhor, canta, ri e salta.

Flores; flores que, mais tarde, na idade madura, dêem frutos e carreguem a vida de merecimentos.

Toca a encher, então, o celeiro.

E' o que de melhor encontrarás na vida. Conquistas da mocidade são farturas lá adiante.

Tem primavera agora, ó Mocidade, para amanhã e depois, e sempre, teres verão.

Trabalha, estuda e educa-te como quem prepara o Futuro.

Deus faz o resto. As almas de boa vontade encontram sempre as bênçãos do Senhor nos caminhos do Céu e por entre os trabalhos da vida.

G. A.

Foto: Manuel Moraes

EXCURSÕES E VISITAS DE ESTUDO

NÃO carecem de adjectivação sonora nem de qualquer outra forma de propaganda, para desdobrarem, no espírito da gente moça, jubilosas perspectivas, as palavras que servem de epígrafe a êste artigo.

Na verdade, não sabemos de outra iniciativa que, mais intensamente e mais proveitosamente, introduza movimento, provoque alegria e interêsse, desperte energias, mobilize boas vontades e evite a monotonia na vida duma colectividade juvenil do que as excursões e visitas de estudo. A elas corresponde uma pausa no labor ordinário, para contacto directo com as realidades exteriores, com a vida, a maior e a melhor das escolas — quando sabemos aproveitar os seus incomparáveis ensinamentos.

Não é, pois, de estranhar, queridas filiadas, que no vosso Boletim se evoque uma forma de actividade que constitui precioso auxiliar de higiene física e de educação mental e moral.

Apreendendo-lhes a utilidade, determinando o espírito que deve orientá-las, podeis tirar maior proveito das vossas excursões e visitas de estudo, e até trabalhar com maior eficiência, se fordes chamadas a colaborar na sua organização.

* * *

E' intuïtivo que as excursões e visitas de estudo exercem considerável e benéfica influência em quem nelas participa.

A interrupção dos trabalhos habituais, os passeios ao ar livre, as distracções que a mudança de ambiente suscita, a liberdade e espontaneidade de movimentos, os jogos organizados beneficiam a saúde física e mental, visto que proporcionam bem-estar e alegria, estimulam, tonificam o organismo.

No campo intelectual, outras vantagens temos ainda a apontar: desenvolvem o espírito de observação, a atenção, a imaginação, contribuindo para o desabrochar da inteligência, favorecendo a cultura geral, pela aquisição de múltiplos conhecimentos de ordem prática, a educação estética, pela contemplação e estudo de obras de arte, e também o sentimento, por via de regra profundo, que resulta do contacto com a natureza.

E êsse sentido do belo, êsse amor da natureza exuberante, maternal, acolhedora, actuam tão fortemente que constituem factores de educação moral, proporcionando alegrias sãs, acalmando agitações, combatendo apatias, em resumo, contribuindo para o livre desenvolvimento da personalidade, nos casos normais, e restabelecendo o equilíbrio de quem, por temperamento ou condições de vida, não goza de inteira saúde moral.

Quantas de vós viram pela primeira vez, durante uma excursão, esta maravilha de cada dia que é o nascer do sol! Quantas começaram então a apreciar a beleza de outros espectáculos naturais, ante os quais permaneciam indiferentes até ali! E assim, quantas de vós, queridas amigas, através da admiração enternecida da obra da criação, aprenderam a melhor conhecer e amar o Criador!

Mas, algo temos ainda a acrescentar no que respeita a vantagens de natureza espiritual que as excursões vos oferecem. Notável é a sua acção quanto ao desenvolvimento do sentido das responsabilidades e das tendências sociais, oferecendo excelentes oportunidades para manifestações de solidariedade, de amizade entre as filiadas, aproximando-as afectivamente das suas dirigentes, permitindo a estas mais amplo conhecimento dos méritos e defeitos das suas educandas, de modo que, com maior segurança, possam orientar e aproveitar os primeiros e combater os segundos.

* * *

O rumo espiritual a seguir, através dessa faceta da vida associativa é função de tôdas as que nela participam. Êrro seria supor que houvésseis de alhear-vos do que constitue um dever simultâneamente colectivo e individual: assumir a atitude que facilite êsse rumo, que defenda o ideal a atingir — essa claridade enorme e subtil que deve iluminar e vivificar tôda a obra educativa.

Seja qual fôr a finalidade directa da excursão ou visita de estudo — formação moral, social, nacionalista, artística, etc., incumbe a cada filiada contribuir para que essa finalidade se alcance inteiramente. De que modo? O vosso bom senso vos guiará. Por exemplo: evitando dispersão da atenção própria e alheia perante o objecto da excursão ou visita, observando, inquirindo, aprendendo, admirando, com aquela vibração interior sem a qual nada verdadeiramente útil e nobre subsiste — com entusiasmo.

Há tendências individualistas, assomos de independência ou rebeldia, desejo de fazer valer as preferências próprias, em detrimento do estabelecido ou das preferências de outrém? Que tôdas as manifestações egoístas se dominem heròicamente, de modo que cada uma de vós aceite de bom grado e até, se possível fôr, procure obter para si aquilo que considera indesejável: o lugar menos cómodo, a instalação menos confortável, certa incumbência fastidiosa...

Não nos digais que é difícil, que bem sabemos que o é; mas uma rapariga que encara a sério os seus deveres de filiada da M. P. F. e de cristã será capaz dêstes e de maiores sacrifícios e renúncias por amor da colectividade a que pertence!

Que sejam perfeitas a vossa pontualidade e disciplina. Deveis lembrar-vos de que, por vezes, é só um minúsculo grão de areia que retarda ou impede o funcionamento dum grande maquinismo. Não queirais ser, para o conjunto a que pertenceis, êsse minúsculo e maléfico grão de areia!

E, não vos esqueçais também de que, se a urbanidade de trato, a doçura e correcção de maneiras são sempre indispensáveis nas relações com as vossas dirigentes e companheiras, essas qualidades darão especial encanto à estreita convivência que uma excursão proporciona.

Mas... esta conversa vai já longa e nós não queremos fazer-vos um curso sôbre excursões; apenas agitar idéias e sentimentos, suscitar reflexões, de que possais tirar algum proveito, na prática.

Mais estas considerações, pois, para rematar: uma excursão altera o curso normal da vossa vida de filiadas, mas os vossos deveres são essencialmente os mesmos. Cumpri-los com devoção, nestas circunstâncias especiais, é compreender e defender o espírito que orienta êste género de actividade, é servir com generosidade e recta intenção.

Que, no regresso, cada uma de vós possa sentir, em plena sinceridade, que a excursão ou visita que acaba de realizar-se foi, para si, espiritualmente, uma ascensão!

V.

Arredores de Viseu — Paisagem familiar às Filiadas da M. P. F. que em Viseu têm tido a sua Colónia de Férias

RAPARIGAS SÉRIAS

III — SUPERIORIDADE ESPIRITUAL

UMA *rapariga séria* é aquela que se não preocupa apenas com frivolidades, isto é, com coisas inúteis e vãs. Interessa-se por alguma coisa mais do que as modas, os cuidados com a sua beleza e os acontecimentos mundanos.

Uma *rapariga séria* gosta de ser instruída. Porisso, mesmo depois de deixar de freqüentar as aulas, continua ainda a ler livros que possam aumentar a sua cultura.

Uma *rapariga séria* não faz da leitura dos romances a sua leitura exclusiva. Não lê apenas para se distrair e matar o tempo. Lê para alargar os seus conhecimentos e para se aperfeiçoar a si própria.

Não será êste, até, um dos pontos em que as *raparigas sérias* e as raparigas frívolas se distinguem melhor?

Se observarmos o que uma rapariga lê, conheceremos as suas tendências.

Se lhe virmos nas mãos só romances — e que romances às vezes, meu Deus! — fica feito o nosso juízo: bem ôca — ou cheia de teias de aranha! — deve ser a sua cabecinha.

Uma *rapariga séria* possui também curiosidades artísticas; não se contenta em folhear figurinos ou assistir à passagem de modêlos. Visita os museus, freqüenta as exposições de arte, procura formar o seu gôsto estético.

Se tem vocação, cultiva qualquer arte, o desenho, o canto, a música, conforme os dons que recebeu.

Se não tem aptidões especiais, nem porisso se desinteressa das manifestações artísticas.

Podemos ser incapazes de rimar uma quadra e no entanto apreciamos um bom livro de versos; nunca termos pegado num pincel e sermos sensíveis à beleza dum quadro; sermos o mais desafinadas possível e apreciarmos um concêrto.

Uma *rapariga séria* não despreza a sua cultura artística, pelo contrário, esforça-se por afinar a sua sensibilidade para o belo.

O desenvolvimento intelectual e artístico não valoriza apenas a personalidade, influi até sôbre os sentimentos morais.

Existem afinidades entre a beleza e o bem. Amar a beleza aproxima de Deus, e Deus é o Bem infinito.

Uma rapariga frívola rejeita os prazeres do espírito, materializa-se, e não só se afasta de Deus como se torna inferior aos olhos do próprio mundo, ela que tanto quer agradar a ser a primeira!

Não são as *toilettes* que nos valorizam; o verdadeiro valor — aquêle que impõe respeito e admiração — são as riquezas interiores, do coração e do espírito.

Mas algumas raparigas não têm consciência da triste figura que fazem em certas ocasiões. Por exemplo; quando num concêrto ou numa conferência bocejam, mostrando ostensivamente o seu aborrecimento: — «Que massada!», dizem. — «Que falta de sensibilidade espiritual!», poderão julgar os que as escutam. Ou quando numa exposição de pintura ficam a olhar para os quadros «como boi para palácio», sem emoção nem entendimento.

Uma *rapariga séria* é ainda aquela que se interessa pelos problemas religiosos e sociais.

Antes de mais nada, a sua própria vida espiritual. Enquanto para as raparigas frívolas só conta a vida exterior, para uma *rapariga séria* a vida interior está em primeiro lugar.

Que se entende por *vida interior*? A vida da alma, as nossas relações com Deus.

Vida que se mantém pela oração e os sacramentos, vida que se desenvolve pelo estudo da religião e se aperfeiçoa pela prática da virtude.

Grupo de Filiadas universitárias com uma Dirigente

De bem pouco serviria a uma rapariga uma grande cultura intelectual e artística, se lhe faltasse a cultura religiosa, e, derivada dela, uma sólida formação moral.

Uma *rapariga séria* é piedosa, mas a sua piedade distingue-se do sentimentalismo religioso das raparigas frívolas. E' uma lei moral, um ideal! Fonte de vida, é luz que a encaminha, verdade que a guarda, graça que a santifica.

E porque a sua fé é sincera e irradiante, uma *rapariga séria* não fica indiferente ao destino das outras almas nem às misérias sociais.

Compreende que todo o cristão tem uma missão de apostolado e todo o homem tem deveres para com os seus irmãos.

Uma rapariga frívola foge do espectáculo da pobreza e da dor. Talvez porque êste lhe acorda na alma remorsos da sua vida fútil!

Uma *rapariga séria* ama os pobres e os desgraçados; é valendo-lhes e consolando-os que a sua alma bem formada recolhe as melhores alegrias.

Do muito ou pouco que possui faz o quinhão dos que não têm nada. Se não tem esmolas para destribuir, tem sempre o seu coração para dar.

Uma *rapariga séria* não gasta a sua vida só em chás e *mah-jongs*, em visitas e divertimentos; dá a sua colaboração às obras sociais, escolhendo a que mais lhe agrada, e é fiel em manter o seu compromisso de a servir.

Uma *rapariga séria* brilha sempre e em tôda a parte, não duma luz artificial que nela se reflecte, mas da luz que ela mesma irradia em bondade e em beleza — em superioridade espiritual.

COCCINELLE

NOTÍCIAS DA M.P.F.

VILA-REAL — Centro n.º 3 — Colégio Moderno de S. José — Depois da festa: as premiadas com as suas Dirigentes

Também Vila-Real está àlerta

HOJE são as filiadas do Centro n.º 3, com sêde no Colégio Moderno de S. José, que desejam comunicar um pouco com as suas colegas espalhadas por Portugal além. Para isto enviam um pequenino relato do que foi a modesta mas expressiva festazinha realizada na tarde do passado dia 19 de Março.

Havia meses que a nossa Directora de Centro anunciava o projecto duma distribuição de prémios àquelas cuja correcção e aprumo dentro das actividades da Mocidade Portuguesa Feminina se tivesse destacado e cujo comportamento moral fôsse modelar. Impacientes aguardamos o tempo dos preparativos e o dia das realizações. Aproveitou-se o dia de S. José, não só por ser o dia do patrono do Colégio, mas também por coincidir num domingo, o que não prejudicava os nossos deveres de estudantes.

Pelas três horas da tarde, em pequena sessão, que foi abrilhantada pela presença das nossas Ex.^mas Sub-Delegadas Regionais adjuntas, cantado o Hino Nacional e aberta a sessão pela Ex.^ma Senhora D. Maria Efigénia, Sub-Delegada Regional adjunta, seguiu-se a distribuição de prémios, que as filiadas, com significativa alegria, receberam. Foi simples e despretenciosa esta festazinha; no entanto, atingiu-se o fim visado pelas nossas dirigentes: uma iniciativa, que teve em vista sòmente fazer com que tôdas as filiadas conhecessem melhor o ideal elevado da M. P. F., o amassem e procurassem realizá-lo.

Foi uma tarde de verdadeira alegria e entusiasmo. Assistiram as filiadas dos vários Centros, nomeadamente do Liceu e da Escola Industrial, confraternizando connôsco.

A graduada que em nome de tôdas as filiadas agradeceu às nossas dirigentes, e por intermédio delas a tôda a organização da M. P. F., a dedicação e carinhos dispendidos na obra da nossa formação, terminou o seu discurso por estas palavras que bem exprimem os sentimentos de que ficámos animadas:

...«Por isso, um alto fim orientou as nossas incansáveis dirigentes, na realização dêste acto: — Fazer vibrar com mais intenso entusiasmo os nossos corações que até agora estavam meio adormecidos e desconheciam em parte o fim supremo da valiosa e simpática organização. Portanto, queridas colegas, não deixemos frustradas as esperanças que sôbre nós fundaram, nem deixemos que seja mera ilusão o futuro lindo que nos prevêm. Que os nossos prémios, hoje recebidos, sejam como vozes a chamar-nos ao dever, sempre que a tentação ouse dêle desviar-nos. Vozes fortes, chamadas altivas que altivamente nos façam responder: Presente! Cumpriremos!...

E a tôdas nós que nos sentimos ligadas pelos mesmos liames com que a Mocidade nos une, sirva esta festa de ponto de partida daquela arrancada generosa que terá o poder de fazer de nós aquilo que a Pátria espera e Deus exige.»

Uma chefe de Quina

BAIXO-ALENTEJO — Ala M — Centro 1 — Um dia de alegria que deixou as mais gratas recordações. Passeio das filiadas, acompanhadas pela Ex.^ma Directora do Centro D. Ema Júlio Valente, e as Professoras D. Maria de Lourdes Palmeira e D. Atlântida Manés, na Quinta da Cavandela, propriedade da Ex.^ma Senhora D. Maria Francisca de Brito Colaço

GUARDA — Centro n.º 2 — Colégio de Nossa Senhora de Lourdes — Boneco de neve. Na mais alta cidade de Portugal o inverno oferece divertimentos que as filiadas do Sul desconhecem . . .

Eterna desconhecida

Com freqüência, têm sido recebidas, no Comissariado da Mocidade Portuguesa Feminina, flores acompanhadas de palavras de simpatia.

Oferenda anónima duma senhora que não pode deixar de ser uma alma gentilíssima.

A M. P. F. apresenta por êste meio a *Eterna desconhecida* os seus melhores agradecimentos.

Donativos

Recebemos do Ex.^mo Senhor Governador Civil de Évora um subsídio de mil escudos — 1.000$00 —, concedido à Sub-Delegacia da M. P. F. naquela cidade. Os nossos melhores agradecimentos.

Foto: Manuel Moraes

EXPOSIÇÃO ESTÉTICA DA SUB-DELEGACIA DE LISBOA

Trabalhos expostos na Exposição da sub-Delegacia de Lisboa

Dá sempre gôsto visitar uma exposição de lavores femininos. Que lindas coisas saem das mãos das raparigas!

Apesar do tempo mal chegar para os livros, a boa vontade e a arte arranjam meio de apresentar numerosos trabalhos que honram a M. P. F.

Concorreram à Exposição da Sub-Delegacia de Lisboa, com cêrca de 400 trabalhos, os seguintes Centros:

Grupo A (Escolas Industriais): Centros n.os 23, 24, 61, 64, 72.

Grupo B (Liceus e Colégios particulares): Centros n.os 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 20, 22, 27, 65, 67, 70, 75, 77.

Grupo C (Escolas primárias): Centros n.os 5, 19, 21, 25, 28, 29, 32, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 49, 52, 55, 56, 58, 60, 62, 71.

Não concorreram à exposição tôdas as Escolas Comerciais de Lisboa, e ainda os seguintes Centros:

Grupo B (Liceus e Colégios particulares) Centro 74 — Liceu D. João de Castro: Centro 4, escolar extra-oficial com sede no Liceu D. Filipe de Lencastre; Centro 79, Colégio Instituto Lusitano; c. 73, Externato de N.ª S.ª da Fátima; c. 66, Instituto Profissional Feminino; c. 16, Colégio do Sagrado Coração de Maria; c. 6, Colégio de N.ª S.ª do Bom Sucesso.

Grupo C (Escolas Primárias) c. 85, Posto de Ensino da Quinta da Celçada; c. 63, Escola n.º 119; c. 59, Escola n.º 42; c. 57; Escola n.º 67; c. 54, Escolas n.os 60 e 62; c. 53, Escola n.º 57; c. 51 Escola n.º 92; c. 50, Escolas n.os 59 e 105; c. 45, Escola n.º 52; c. 44 Escola Primária de Educação e Escola Primária Oficial n.º 97; c. 43, Escola n.º 36; c. 36, Escola n.º 95; c. 35 Escola n.º 22; c. 33, Escola n.º 51; c. 31, Escola n.º 21; c. 30, Escola n.º 82; c. 26, Escola n.º 50; c. 17, Escola dos Filhos dos Operários das C.as Reünidas Gás e Electricidade; c. 14, Santa Casa de Misericórdia.

Foram apresentados ainda na exposição 407 cadernos de Moral assim distribuídos:

Grupo B — Centro n.º 2-33; n.º 8-7; n.º 10-6; n.º 11-17; n.º 18-2; n.º 20-3; n.º 77-7.

Grupo C — Centro n.º 5-9; n.º 25-1; n.º 28-29; n.º 29-20; n.º 30-11; n.º 34-65; n.º 35-9; n.º 37-6; n.º 38-5; n.º 39-7; n.º 40-7; n.º 41-11; n.º 42-22; n.º 46-7; n.º 47-49; n.º 52-16; n.º 54-3; n.º 55-4; n.º 56-8; n.º 58-11; n.º 60-4; n.º 62-15; n.º 71-13.

Ainda foram recebidos mais 4 cadernos que não figuraram na exposição por não terem sido entregues no prazo.

A Exposição foi boa, mas poderia ter sido muito melhor, em número e qualidade, se as Escolas Industriais concorressem com aquêle brio que as suas condições especiais de Escolas Técnicas justificariam.

É pena que a sua comparticipação, nos primeiros anos tão brilhante, tenha ido diminuindo, ao ponto de já quási se não distinguirem pelo valor dos seus trabalhos e se fazerem notar pelo seu reduzido número.

M.P.F.

Esperamos que no próximo ano as Escolas Industriais de Lisboa retomem o seu lugar, que deve ser sempre o primeiro, ciosamente guardado.

Em compensação do empobrecimento da participação das Escolas Industriais na Exposição, os Liceus e os Colégios Particulares apresentaram-se galhardamente, e até as Escolas primárias que concorreram são dignas de louvores pela melhoria do bom gôsto e perfeição dos trabalhos enviados.

Percorrendo a exposição, os olhos demoraram-se-nos em muitos trabalhos que bem mereceriam aqui uma referência especial. Mas é impossível descrevê-los pormenorisadamente e pouca idéia daria a simples indicação da beleza dum bordado a ouro, da perfeição dum bordado regional, do cunho artístico duma cartonagem, da graça dum trabalho de aplicação, do encanto dos ornatos para o lar, da inspiração das composições literárias, ou do valor dos desenhos e pinturas etc. etc., mais vale aconselharvos a ir-des visitar o VII Salão de Educação Estética, nas Salas do Palácio da Independência, onde podereis admirar êsses trabalhos com os nossos próprios olhos.

Mas é justo que aqui indiquemos, ao menos, os Centros contemplados com prémios, ou cujos trabalhos foram escolhidos para o «Salão».

....

LISTA DOS PREMIOS

GRUPO A

Centro n.º 23 — Escola Afonso Domingues — 2 prémios; 5 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 24 — Escola Machado de Castro — 5 prémios; 9 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 61 — Escola António Arroio — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 72 — Escola Fonseca Benevides — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

GRUPO B

Centro n.º 1 — Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — 3 prémios; 7 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 2 — Liceu de D. Felipa de Lencastre 10 prémios; 21 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 3 — Liceu de Pedro Nunes — 1 prémio; 9 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 7 — Colégio Santa Doroteia — 1 prémio; 4 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 8 — Colégio Jesus, Maria José — 1 prémio; 6 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 9 — Liceu M.ª Amália Vaz de Carvalho (não escolar) 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 10 — Colégio Português Educação Feminina — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 11 — Curso do Sagrado Coração de Jesus — 2 prémios; 4 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 12 — Colégio Parisiense — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 13 — Colégio Novo Académico — 1 prémio; 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 20 — Escola João de Barros — 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 27 — Escola Lusitânia — 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 65 — Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho (Universitário) — 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 67 — Colégio Instituto Feminino Português — 3 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 70 — Escola Patrício Prazeres — 1 prémio; 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 77 — Colégio de S. José — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

GRUPO C

Centro n.º 19 — Escola Prim.ª Oficial 126 — 1 prémio; 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 21 — Escola de S. Nicolau — 1 prémio; 8 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 25 — Colégio de S. Mamede — 2 prémios; 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 29 — Escola Prim.ª Oficial 39 — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 32 — Escola Prim.ª Oficial 75 — 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 34 — Escola Prim.ª Oficial 16 — 4 prémios; 5 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 39 — Escola Prim.ª Oficial 70 — 2 prémios; 3 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 47 — Escola Prim.ª Oficial 88 — 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 48 — Escola Prim.ª Oficial 9 — 1 prémio; 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 49 — Escola Prim.ª Oficial 41 — 4 prémios; 6 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 52 — Escola Prim.ª Oficial 86 — 1 prémio; 2 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 56 — Escola Prim.ª Oficial 34 — 1 trabalho para o Salão.

Centro n.º 58 — Escola Prim.ª Oficial 99 — 3 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 62 — Escola Prim.ª Oficial 3 — 1 prémio; 3 trabalhos para o Salão.

Centro n.º 71 — Asilo da Junqueira — 1 trabalho para o Salão.

O júri a que se dignou presidir a Ex.ma Delegada Provincial classificou os trabalhos em *anonimato*.

Alentejo

1

O Alentejo é uma das províncias do país mais características e a mais extensa. Vastas planícies, em cujo descampado surgem os «montes» alvinitentes (1), como guaritas de sentinelas na imensidão silenciosa. Mas nessas casas de lavoura a labuta é intensa, principalmente na época da sementeira, da monda e da ceifa. Mar verde na primavera, mar de oiro no verão, as searas alentejanas ocupam homens e mulheres, e ainda outros vêm de fora. A indumentária das ceifeiras é interessante. Reparem nas luvas, botas, saia apanhada, lenço e chapéu desta ceifeira (4). O trabalho das ceifas é duro. Sob o sol ardente, as mulheres movem ligeiras a foice (6), matando a sêde de vez em quanto com um gôlo de água (7). Carro de bois passam chiando (3). Outros, puchados por muares, têm coberturas para resguardar do sol (2). Nas aldeias, as casas pequeninas, duma brancura encantadora, abrigam-se à sombra das latadas (5). No inverno, ao serão, a cosinha, com a sua grande chaminé, é verdadeiramente o *lar;* no verão goza-se o fresco cá fora. Os cantares alentejanos distinguem-se pela sua toada arrastada, dolente, onde perpassa a melancolia da solidão da charneca imensa.

2

3

4

5

6

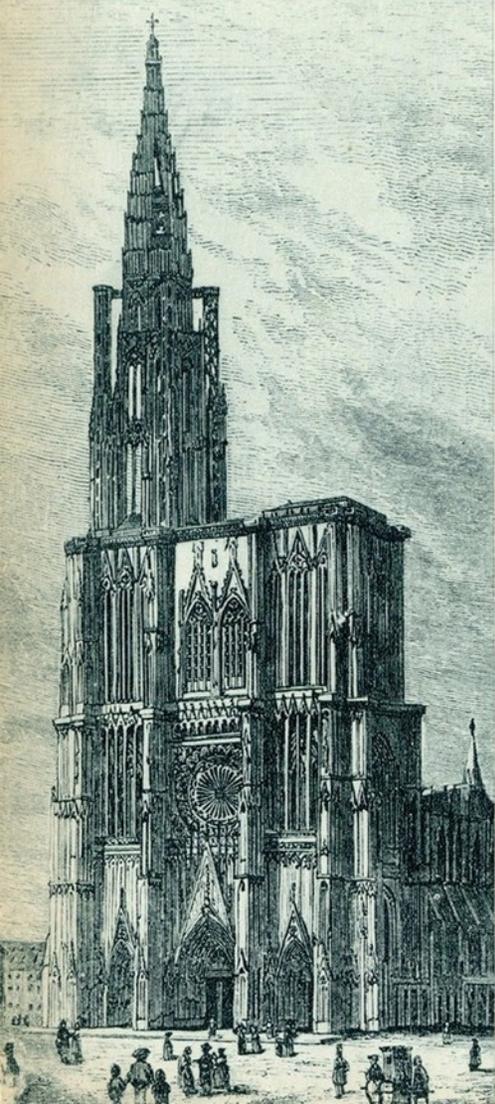
SABINA

NUM velho livro de contos, encontrei bela lenda que vou narrar.

Data do século XIII e com todo o seu encanto e sabor medieval ela não deixará por certo de interessar às raparigas do século XX.

Estrasburgo, era, em 1254, uma cidade livre e altiva da sua independência.

Os seus habitantes, depois de a terem tornado forte e industriosa, quiseram dotá-la com um monumento de beleza excepcional, que pelos séculos fora atestasse a sua arte e generosidade. Assim, resolveram erguer à glória de Cristo uma maravilhosa catedral.

Chamaram da Alemanha os mais hábeis arquitectos, e dentre todos os projectos apresentados, o Bispo de Estrasburgo, Conrad de Sichtenberg, escolheu aquêle, cujo autor se chamava Erwin de Steinbach.

Seria respeitada a velha catedral já existente, mas construindo-se um pórtico monumental e uma tôrre, que ultrapassaria em altura a mais alta piramide do Egipto. Homens, mulheres e crianças afluiram em multidão, oferecendo os seus braços para ajudar a erguer a nova maravilha.

Na cerimónia do lançamento da primeira pedra, porém, quando tudo era festa e alegria, dois operários brigaram, acabando a questão pela morte dum, assassinado pelo camarada. A vitima deixara na orfandade um pequenito de 10 anos, cuja mãi morrera ao dá-lo à luz. Steinbach, o arquitecto, não consentiu que ninguém recolhesse o garoto, era a êle, disse, que isso competia. Nessa tarde, Bernardo, o órfão, loiro e rosado, entrava pela mão do protector na sua nova morada.

Na velha casa gótica de pesadas portas pregueadas, esperavam-nos três pessoas: a mulher e os dois filhos do arquitecto.

Dirigindo-se à primeira, Steinbach disse:

— Trago-te mais um filho. Ama-o como se fôsse teu. O seu nome é Bernardo. Deixando o trabalho de pôr a mesa em que estava ocupada, a mulher estendeu os braços ao pequeno:

— Bernardo, serei a tua mãe, queres?

Precipitando-se nos braços que o acolhiam, o garotito desatou a chorar.

Pela porta entreaberta duas carinhas admiradas espreitavam a cena. Steinbach foi buscá-los pela mão e disse-lhes:

— João, Sabina, trago-vos um companheiro que tem sofrido muito, não tem pai nem mãe; é o bom Deus que no-lo manda, quereis que seja vosso irmão?

Batendo as palmas de alegria, as creanças disseram logo que sim, e Bernardo de Sunter, nome que tirou da terra onde nascera, tomou nêsse dia o seu lugar à mesa do arquitecto, que jurou fazer dêle um homem honesto e trabalhador.

Os anos passaram, Steinbach fez dos seus *três* filhos artistas hábeis como êle em erguer uma igreja, lavrar uma pedra, modelar uma estátua.

Morrera-lhe a mulher em plena fôrça da vida, e Sabina que tomara o lugar da mãe e o desempenhava terna e dedicadamente, era a preferida do pai. Tornara-se uma rapariga esbelta, e a sua face delicada que grandes olhos azuis iluminavam, era enquadrada por tranças dum loiro forte. Toda a nobresa de coração se reünia nela a uma inteligência brilhante e a uma mão hábil.

Era o enlêvo dos seus, e vários pretendentes disputavam a sua mão, mas a seu lado vivia silencioso aquêle que mais do que todos a amavam, não se atrevendo a declarar-se: Bernardo de Sunter.

Havia também um outro arquitecto, Polydoro o Bolonhês, que aspirava dar o seu nome a Sabina, mas quanto ela era dôce e modesta era êle vaidoso e fanfarrão. As preferências dela iam tôdas para o seu irmão adoptivo, cujos sentimentos não lhe era difícil adivinhar.

Erwin de Steinbach, esgotado de fadiga pela obra gigantesca a que se metera, expirou suavemente rodeado de João, Sabina e Bernardo, tendo-os feito jurar que não deixariam um nome estranho ao seu acabar a obra que amorosamente começara.

De novo em Estrasburgo se abriu concurso para terminar as obras da catedral, e Polydoro concorreu com projecto tão belo, que todos diziam seria o vencedor.

Um dia em que mais uma vez Polydoro instava com Sabina para ser sua mulher, chegou a dizer-lhe:

— Só de si depende que o nome de seu pai fique eternamente ligado à catedral, se casar comigo retiro o meu projecto e será seu irmão João quem concluirá as obras.

O coração de Sabina palpitava desordenadamente entre sentimentos diversos: a jura que fizera ao pai e queria forçosamente cumprir, e o seu amor a Bernardo que ela sabia correspondido.

Nervosa e agitada recolheu ao quarto e sentou-se à mesa de trabalho; os seus dedos febris brincaram longamente com os instrumentos de trabalho que seu pai lhe legara. A noite caiu e Sa[illegible]na continuou ali, debatendo-se entre mil pensamentos, até que do alto das mu[illegible]lhas a voz da sentinela bradou: «É mei[illegible] noite; gente de Estrasburgo, dormi.»

Como se só esperasse êste brado, Sabina vencida pelo cansaço descaiu sôbre os braços e adormeceu.

A lâmpada de bronze, pousada sôbre a mesa, não tardou a apagar-se.

Um raio de luar coado pelos vidros pequeninos, da janela ogival, veio iluminar a face pálida da rapariga adormecida, os seus longos cab[illegible]los loiros tinham-se desatado sôbre o[illegible] em longas pregas lh[illegible] Ao sentir luz na ca[illegible] Sabina levantou a cabeça, mas as pálpebras continuavam descidas, os seus de[illegible]s finos apertaram o lápis que lhe fic[illegible]a na mão e animados duma vida estranha começaram a traçar no pergaminho estendido sôbre a mesa linhas em diversos sentidos, e sob a acção do curioso fenómeno chamado sonambulismo, a filha do arquitecto traçou um formoso projecto e recaiu adormecida.

Quando o sol a acordou e viu o plano estendido defronte de si, ela pensou na sua fé ardente, que Deus enviara um anjo para o traçar, e ajoelhou em acção de graças.

Apresentado o novo projecto foi o preferido e a talentosa artista, escolhendo como ajudantes João e Bernardo, meteu-se corajosamente à obra.

A pedra nas suas mãos transformava-se em renda ou em figura elegante, e ninguém compreendia o segrêdo da rapidez com que trabalhava, ela própria não sabia que as suas noites eram laboriosas.

Uma grande estátua destinada ao pórtico fôra acabada à tardinha; colocada quando já quási se não via, coberta com um pano, ficou para o dia seguinte a inauguração. Mal rompeu o sol, Sabina impaciente por ver o efeito daquela sua obra, atravessou por entre o povo que a aclamava e arrancou o pano que escondia a estátua; um murmúrio de horror correu pela multidão. Durante a noite, bárbara mão tinha alterado e desfigurado a estátua, à martelada.

Alguém atribuiu ao demónio aquêle vandalismo, mas uma voz se levantou, dizendo que o demónio não estraga a sua obra, e só por artes do diabo a artista trabalharia tanto e tão bem.

Desolada, de coração esmagado, fugiu a pobre rapariga a refugiar-se aos pés da Virgem Maria, pedindo-lhe consôlo e ajuda para continuar a obra santa a que se dedicara e que estava sendo destruida, e desvirtuada.

Em vão João e Bernardo tentaram consolar a artista que lhes era tão querida.

(Continua na pág. 12)

Catedral de Estrasburgo

Imaculado Coração de Maria, executado segundo as indicações da Irmã Lucia de Jesus. O rosto é a reprodução da Imagem que se venera na Capela das Aparições, em Fátima

FATIMA, POEMA DE LUZ!

TENDO alguém preguntado à Irmã Lúcia de Jesus, uma das videntes de Fátima, hoje religiosa do Instituto de S.ta Dorotea, se a túnica e o manto de Nossa Senhora eram orlados de oiro, esta respondeu numa carta, com a data de 20 de Dezembro de 1942: *«Não. Sòmente o manto tinha à volta um fio de oiro semelhante a um raio de sol que sobressaia na imensa luz que parecia ser Ela mesma»*.

Quem poderá descrever a beleza de Maria, a «toda bela»? A sua formosura é um reflexo da própria beleza de Deus. Quando Maria se mostra é sempre de algum modo, Deus que *aparece*. E para os nossos pobres olhos mortais, só a luz é imagem de Deus! Porisso não admira que a Senhora que «veiu do céu» aparecesse irradiante de luz!

A luz é o sinal divino das Aparições de Fátima.

Luz estranha, sobrenatural, brilhante como um relâmpago, a preceder sempre o aparecimento da Senhora, que é, Ela própria, «imensa luz»!

Fátima é um poema de luz.

«Vimos sôbre uma carrasqueira — escreve a Irmã Lúcia de Jesus, referindo-se à 1.ª Aparição — *uma senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol, espargindo luz mais clara que um copo de cristal cheio de água cristalina atravessado pelos raios ardentes do sol»*.

Ao vê-la assim descrita, aquela Senhora misteriosa, nós murmuramos o seu Nome! A sua brancura diz-nos quem Ela é... E pelo seu brilho reconhecemos Aquela que por ter trazido no seio o Sol divino ficou sendo Ela própria um raio de sol!

Lúcia, a ignorante pastorinha, nas suas comparações singelas não é apenas delicadamente poética, é rigorosamente teológica.

Que melhor comparação para a Virgem Santíssima que a pureza do *cristal?* E para a graça, cuja plenitude o Anjo lhe anunciou, a *água cristalina* a trasbordar? E para a presença divinizante do Espírito Santo, o *sol* a atravessar a água e o cristal?

Nessa mesma Aparição, Nossa Senhora, *«abrindo as mãos* — conta Lúcia — *comunicou-nos uma luz intensa, como um reflexo que dela expedia penetrando-nos no peito e no mais intimo da alma e fazendo-nos ver a nós mesmas em Deus, que era essa luz»*.

«...em Deus, que era essa luz». Quem lhe ensinou a ela, a humilde pastorinha, que a Natureza Divina se manifesta em luz, quando penetra e transforma as almas? Quem lhe revelou que Deus na sua essência é luz incriada?

Foi a própria luz divina, iluminando a sua alma.

Maria, cheia de graça, faz por nós o que o Senhor fez por Ela: comunica-nos a luz que é a vida de Deus e a sua própria imagem.

Se a soubermos receber e guardar, «não ofendendo mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido», também o Senhor nos envolverá no mesmo olhar de amor com que se compraz em Maria.

Deus possue-nos e transfigura-nos na medida de nossa pureza, simbolizada no «cristal» a que Lúcia compara a Puríssima Virgem.

Ao relatar a 2.ª Aparição, em 13 de Junho, Lúcia volta a descrever-nos uma cena semelhante a esta ocorrida no dia 13 de Maio.

«Nossa Senhora abriu as mãos e comunicou-nos pela segunda vez o reflexo da luz imensa que a envolvia. Nela nos vimos como que submergidos em Deus».

Mais uma vez a graça das Aparições de Fátima é uma graça de luz.

Nessa luz — que é Deus — as suas alminhas como que desapareceram, atraídas e unidas a Deus.

Também um dia, quando chegar para nós a hora da suprema Aparição, envolvidos na luz infinita de Deus ficaremos imersos na sua divindade e gozaremos da sua glória.

Neste mundo, a comunicação de luz divina que recebemos só por graça extraordinária é assim «luz imensa» e sensível. Mas embora limitada e insensivel, a graça santificante é sempre luz que nos une a Deus.

Nessa união, Maria é um vaso de cristal que não empana o brilho da divindade. Nós somos barro grosseiro, mas o sol divino até o barro penetra e torna resplandecente!

Na 6.ª e última Aparição, em 13 de Outubro, Lúcia diz que emquanto a Senhora se elevara *«o reflexo da sua própria luz projectava-se no sol»*.

Nós que não podemos encarar o sol porque não aguentamos a intensidade da sua luz, louvemos o Senhor porque quiz deixar vislumbrar a três pobres pastorinhos a luz maravilhosa que vence o sol!

E como cegos que não gosam a luz mas acreditam nela, sigamos na esteira luminosa daquela Senhora que elevando-se na «imensidade do espaço» deixou atrás de si um tal rasto de luz que fazia dizer às crianças, na simplicidade da sua linguagem, «que viram abrir-se o céu».

Fátima é um poema de luz.

Poema de que a mais bela estrofe é o Coração de Maria.

«Porque é que Nossa Senhora está com um coração na mão espalhando sôbre o mundo aquela luz tão grande que é Deus?» exclamava Francisco, um dos videntes de Fátima.

Também êle, o pobre pastorinho, reconhece a Deus nessa «luz» que reflectindo-se do Coração Imaculado de Maria esclarece a sua alminha inocente.

Porque é que Nossa Senhora está com um coração na mão? Para no-lo dar! Para que o seu Coração seja *«o nosso refúgio e o caminho que nos conduza até Deus»*.

A maior graça de Fátima é esta **luz** que pelo Coração Imaculado de Maria nos leva a Deus.

Fátima é um poema de luz...

Lúcia não se cansa de cantar êste maravilhoso *leit motif*.

Numa carta do princípio de Dezembro de 1942, escreve mais uma vez que o Imaculado Coração do Maria estava *«imerso numa luz intensa que parecia espargir-se sôbre a Terra»*.

Numa outra carta, de 10 de Outubro de 1943, apreciando uma estampa que lhe enviaram, diz: *«Nem o coração, nem as mãos, nem a Imagem tinham raios, era luz, reflexo»*.

A luz representada em «raios» não lhe agrada. «Era luz!»

Nenhuma criação humana poderá dar essa luz, que é um reflexo de Deus.

Porisso as imagens de N.ª Senhora de Fátima nunca satisfazem.

Maria Joana Mendes Leal

Foto: engenheiro Frederico Oom

Doce de morangos

ESCOLHE-SE um quilo de morangos bem limpos, evitando-se o mais possível de os lavar, e tiram-se os pés. A'parte deitam-se num tacho 750 grs. de açúcar e 2 decilitros de água, põe-se a ferver tirando-se cuidadosamente a espuma que se produzir. Deve-se utilizar um tacho de alumínio, ou cobre não estanhado, à falta daquêle. Para frutas vermelhas o alumínio é melhor. Em o açúcar chegando ao ponto de espadana (39 graus no pesa-xaropes), deitam-se os morangos num peneiro, voltando a calda ao lume a retomar o ponto de espadana que perdeu com a água de vegetação dos morangos. Juntam-se então os morangos, bastando 5 a 6 minutos de fervura até adquirir o ponto indicado atrás. Deita-se nos copos e guarda-se.

Doce de ginjas

COMO na receita dos morangos, tomam-se 1.250 grs. de ginjas garrafais ou, de preferência, ginjas de fôlha, o que dará 1 quilo depois de tirados os pés e os caroços. Num tacho de alumínio, ou cobre vermelho à falta, deitam-se 500 grs. de açúcar e dois decilitros de água, deixa-se ferver por 5 minutos, tirando com cuidado a espuma que se tiver produzido; juntam-se as ginjas até chegarem ao ponto atrás indicado e metem-se nos copos. Êste doce é muito melhor se, ao deitar as ginjas, se deitar também meio litro de suco de groselhas vermelhas ou brancas, aumentando o açúcar de mais 400 grs. e procedendo como se indica só para as ginjas. Também se podem misturar 250 grs. de suco de framboesas e mais 200 grs. de açúcar. Ainda se pode preparar, juntando depois de pronto, 2 colheres, das de sopa, de Marrasquino.

SABINA

(Continuação da pág. 10)

Bernardo nessa noite não podia conciliar o sono lembrando a mágua da sua amada, e alta noite levantou-se e foi encostar-se à janela, contemplando as obras à volta da qual giravam as suas almas.

A noite estava escura e tempestuosa, mas quando um raio atravessou o horizonte e iluminou o edifício, pareceu a Bernardo que uma sombra negra deslizava pelos andaimes, à luz de novo relâmpago já não viu nada e ia retirar-se, quando chegou até êle distintamente o ruído dum martelo batendo a pedra, e os seus olhos, já habituados à obscuridade, descobriram um vulto escuro, que apressadamente continuava a destruïção da véspera.

Mas eis que novo bater lhe chega aos ouvidos partindo doutro local da catedral. Na extremidade da tôrre, contra o fundo negro da noite, destaca-se agora um vulto branco, que cinzela activamente, ouvindo porém o martelar do vulto escuro, e como se um anjo fôsse, desliza pela cornija, passa os andaimes e surge defronte da sombra sinistra que destruia.

Esta, aterrada com a visão, endireita-se e como novo relâmpago iluminasse tudo, que vê Bernardo?

Sabina, a sua amada, e Polydoro o artista vencido, o apaixonado ciumento, defrontam-se. Era êle quem destruia, em fúria de despeito, a obra dela.

Polydoro, porém, não esperava aquêle encontro e recuando aterrado veio estatelar-se no adro da catedral. Bernardo desceu apressado as escadas de casa e subiu aos andaimes, onde a sua noiva acabava de acordar do sonambulismo.

E era isso que explicava a sua prodigiosa actividade, pois o seu sono era ainda trabalho.

Sabina, completamente justificada, casou com Bernardo que o seu coração escolhera entre todos, e a lenda termina assim:

«Se alguma vez fordes a Estrasburgo pedi para ver a estátua de Sabina, colocada no monumento, que o seu cinzel inspirado tão largamente enriqueceu, e pedi a uma camponesa alsaciana que vos conte a sua lenda».

. . . .

E eu acrescentarei: Raparigas do século XX, sêde também vós construtoras de catedrais! Não de catedrais góticas, de pedra, mas de catedrais vivas e espirituais.

Fazei da vossa vida um monumento de arte, elevado e adornado, que perdure através dos séculos na obra de amor e dedicação que deixardes na terra.

Maria Augusta Alpuim

TRABALHOS DE MÃOS

PANO REDONDO, EM TRABALHO REGIONAL DE VIANA DO CASTELO. BORDADO A AZUL, BRANCO E ENCARNADO, E CRIVO NOS CORAÇÕES, ETC.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA FAMILIA PORTUGUESA

XVI

Com a passagem rápida do tempo iam-se modificando as circunstâncias da vida de cada um. Os gémeos, Manuel e Mário, viviam agora separados. Mário resolvera tirar em Santarem o curso de Regente Agricola, menos brilhante, é verdade, mas mais rápido e mais económico do que o de agronomia: habilitando-o a dirigir e administrar a herdade alentejana de Montemor, que fôra de seus avós paternos. E agora, noivo da linda Maria da Luz, fazia risonhos projectos de futuro.

Manuel, estudante brilhante, continuava fiel aos sonhos da sua adolescência: ser aviador e... casar com Eugénia. Os tios Mexias tudo lhe facilitavam para a realisação dêsses sonhos; e a própria Eugénia, encantadora rapariga que o adorava desde sempre, mas sem as pieguices sentimentais que tolhem tantas vezes as nobres carreiras aos rapazes, sentia-se orgulhosa da vida que Manuel escolhera! Era a mulher forte da Biblia, que acompanharia o marido no seu entusiasmo patriótico e nacionalista!

A Tia Angélica, suspirando, admirava-se daquela maneira de pensar, e observou um dia:

— Há tantos modos de vida bonitos, como por exemplo, ter um bom emprêgo numa Secretaria do Estado, ou numa Companhia de Seguros, ou num Banco, ou...

Eugénia, porém, interrompeu-a com certa impaciência:

— Ó Tiasinha, nunca o Manuel estaria bem num dêsses emprêgos...

— Não sei porquê; o teu tio, meu marido, esteve 40 anos numa Companhia de Seguros e era um homem de valôr. Vinha sempre para casa às mesmas horas...

Eugénia viu que era inútil discutir; disse só, com mal reprimida vibração na voz:

— Cada qual para a sua vocação. E a do Manuel... é voar em serviço da Pátria!

De Joaquim vinham as melhores notícias e esperava-se, no inverno seguinte, poder festejar em Portugal o seu casamento com Mariasinha Medeiros, a linda filha de Rodrigo e Cristina.

Alberto, ainda no Seminário de Coimbra, devia entrar breve no dos Olivais; a sua vocação estava tão decidida que se sentia completamente feliz. E a alegria, que era o fundo da sua alma bondosa, servia de exemplo para os outros seminaristas.

Com João dera-se um caso extraordinário: fraco, como tinha sido durante a infância, a regularidade da sua vida e dos seus estudos, o ambiente calmo da aldeia, tinham vencido essa fraqueza por completo. E hoje era um belo e bom rapaz, cujo ideal se concentrava naquela pequena terra: ser metre-escola das dezenas de crianças que ali viviam.

— Não te queres casar, Janéco? — preguntava-lhe Francisca, às vezes.

— Queria uma mulher como tu, Chica!

Francisca troçava-o; mas tinha descoberto que certos olhares ternos do irmão se poisavam muitas vezes na carinha triste de Maria Adozinda, uma pequena orfã que as Irmãs Doroteas educavam no Colégio e cujos pais, mortos em África, haviam deixado há muito de pagar as mensalidades.

E, numa bela tarde de Junho, João ficou noivo de Maria Adozinda.

Pedro acabara o curso de medicina e habilitava-se, agora, a um partido médico não longe de Leiria. Um grande desgosto acabava de ferir profundamente a sua alma sensivel e delicada: Gabriela de Menezes aceitara um contrato com uma importante firma de cinema! E, breve passaria, em Lisboa, o filme onde se estreava!

Embora Pedro não tivesse tornado a falar-lhe dos seus projectos e sonhos, não desaparecera do seu coração o amor que ela lhe inspirava; e quanta esperança ainda tinha de chegar um dia a comovê-la!

Quando a encontrava em casa dos primos Mellos, que bôas conversas tinham os dois, sentados lado a lado, no terraço ou no sofá de canto da sala! E Gabriela continuava a prendê-lo numa cadeia forte... Nunca mais lhe falara de amor; mas era ainda o amor que o fazia falar.

E agora convencia-se, enfim, que Gabriela estava perdida para êle: atraida para a luz brilhante dos estúdios como as borboletas que vêm morrer, estonteadas, contra as lâmpadas incandescentes...

— Pedro, olha que isto foi bom, sabes — disse-lhe Hugo muito a sério. — Foi um corte de bisturi!... A Gabriela não é nada a mulher que te faria feliz...

— Talver tenhas razão, Hugo; mas fico triste para sempre...

— Quem sabe lá, Pedro? — respondeu o irmão, abraçando-o.

E Pedro, com o coração despedaçado mas trabalhando cada vez mais, dedicou-se com ardor à sua profissão. Aceitou o partido médico e partiu para o Pinheiro a despedir-se da mãi. Logo D. Maria da Luz sentiu que havia mais alguma coisa do que a pena de ir viver longe da familia... Mas discretamente, receiando avivar qualquer chaga, calou-se. Francisca, porém, preguntou;

— O que é feito da Gabriela, Pedro? Não a tens visto?

Pedro deixou-se cair numa cadeira e contou a noticia que tanto o desesperava.

D. Maria da Luz indignou-se sinceramente:

— Ainda se fôsse por necessidade de ganhar o pão de cada dia, embora haja tantas outras maneiras de o fazer; mas sendo rica, como é a Gabriela, que desnorteamento o seu!

— Se em lugar de ir fazer cinema ela tivesse casado contigo, Pedro, é provável que fôsse infelicissima! — observou, Francisca.

O primo Estêves concluiu, categórico e severo:

— Não era mulher para a «Casa do Pinheiro»!

XVII

Quem entrasse naquele subúrbio de Leiria, anos depois, tinha a impressão de eucontrar ali uma felicidade perfeita; e não havia misérias naquela região. Na Casa do Pinheiro já não estava o Colégio das Doroteas. Pois João, tendo herdado a grande fortuna do bom doutor Castro Sousa, morto cristãmente nos seus braços, instalara-se na velha casa da familia com a sua mulher, D. Maria da Luz e Francisca. Ali viviam felizes; e, do seu casamento com Maria Adozinda, já nascera uma pequenina Mafalda, cheia de vivacidade.

Helena, casada com Nuno de Brito, tinha o seu lar em Lisboa; mas, quando o marido partia para as estações longinquas, era no Pinheiro, na parte modesta onde vivera tantos anos, que vinha instalar-se com o seu filhinho de dezoito meses, Luiz Maria. E D. Maria da Luz deliciava-se com essas estadas, revendo-se em filhos e netos...

Mário casara já com Maria da Luz; mas não tinha ainda chegado o desejado bébé...

Maria José Cunha continuava na aldeia a sua vida monótona; e como, no fundo do seu coração, não desaparecera o amor por Pedro, que nem para ela olhava, entristecia cada vez mais.

Francisca, muito observadora, descobrira há muito o segrêdo da Zé; mas não via possibilidade de lhe dar remédio e lamentava aquela rapariga, tão pouco esperta e tão desinteressada de tudo, a-pesar-de linda.

— Oh Zé — disse-lhe um dia — queres dedicar-te à Créche e tratar dos bébés?

Zé encolheu os ombros:

— Tanto se me dá — respondeu.

— Então vem comigo amanhã; verás que amores êles são, coitadinhos! — E Maria José começou a ir tôdas as manhãs para a Créche, ajudar aos banhos, às papas, às lavagens da roupa, até.

— Tens um geitão, Zé — animava-a Francisca — e se quisesses tomar o meu lugar muito te agradecia; pois a minha sobrinhita Mafalda toma-me às vezes a manhã tôda.

E como Maria José já gostava imenso das manhãs na Créche passou a encarregar-se daqueles trabalhos diários com grande interesse. Quando Pedro, depois de muitos meses passados no exercicio do seu cargo, vivendo sòsinho com uma criada antiga, voltou à Casa do Pinheiro, Francisca quis convencê-lo a reparar na Zé, sempre linda e agora cheia de actividade útil.

— Não me interessa nada a pobre Zé, Chica; porque queres que repare nela? — disse Pedro, indiferente.

— Vem comigo à Créche amanhã de manhã, sim?

E Francisca levou Pedro a visitar a Créche na manhã seguinte.

Numa sala enorme, cuja parede principal era tôda envidraçada e inundada de sol, estavam umas dezenas de crianças gôrdas e córadas, deitadas em caminhas de campanha. E, além de duas Irmãs-enfermeiras, lá andava a boa Zé, vestida de branco também, com os cabelos loiros a sairem do véu d'organdi.

Nêste momento, mesmo, sem vêr as visitas que entravam pelo fundo da sala, Zé pegara num bébé adormecido; e o carinho com que o cingia contra o peito, encostando à sua a cara rubicunda da criança, tinha tanto de maternal que formava um grupo deveras encantador...

Francisca disse, baixinho, ao irmão:

— Podias ainda ser feliz, Pedro. A Zé gosta de ti há tantos anos... — E Pedro, depois duns dias de hesitação, sentindo-se sem coragem para encetar de novo a sua vida solitária, resolveu-se a pedir a Zé em casamento.

Doida de felicidade, Maria José transformou-se! E viviam felizes, ambos, rodeiados de filhos lindos.

Francisca não sentia tendências para casar. Queria dedicar-se aos irmãos, aos sobrinhos; e, planeava acompanhar, um dia, o Padre Alberto, quando êle fôsse nomeado a paroquiar alguma aldeia longinqua.

EPÍLOGO

Era o Domingo da Ressurreição de Cristo! Festa alegre entre tôdas para as familias unidas, que têm a felicidade imensa de poder juntar-se nêsse dia.

Na Casa do Pinheiro reinava nêste ano grande alegria. D. Maria da Luz, embranquecida pelos anos mas ainda rija e forte, juntava em volta de si todos os filhos e todos os netos.

Já de manhã, à missa paroquial, no meio do repicar alegre dos sinos, a Igreja da aldeia vira chegar a familia tôda, faltando apenas as criancinhas mais pequeninas; e a devoção com que assistiam ao Santo Sacrificio era um exemplo para todo aquele povo.

Na «Casa dos Pobres» também se festejava o jantar da Páscoa; e os grandes bemfeitores que eram os Santos, pai e filho, haviam de presidir à refeição daquela familia de pobresinhos.

A casa de jantar do Pinheiro era um enorme salão, com três largas janelas de sacada e à mesa, do mais puro estilo D. João V, podiam sentar-se, à vontade, as 16 pessoas que compunham a familia: pois o primo Estêves nunca era dispensado nestas festas. E numa outra mesa sentavam-se as 15 crianças.

Pedro e Maria José orgulhavam-se dos seus cinco filhos, todos lindos e fortes. O casalinho de Helena, os gémeos de Manuel e Eugénia, as três pequeninas de João e Maria Adozinda; o rapazito de Mário e Maria da Luz; a pequenina de Joaquim e Maria Medeiros e o endiabrado garôto de Hugo e Luiza, formavam um conjunto encantador de graça e beleza!

Tinha-se servido mais cêdo o jantar das crianças; e agora, que ia o ranchinho deitar-se em alegre chilreada, começava o jantar dos pais.

A canja, dourada e suculenta à moda tradicional portuguesa, estava deliciosa! E o Primo Estêves, saboreando-a, observou:

— Em parte alguma se come uma canja assim...

— As galinhas foram criadas pela Luiza! — declarou Hugo, satisfeito.

— Que felicidade têrmos podido êste ano juntarmo-nos todos — disse D. Maria da Luz, enternecida.

— E até o nosso Alberto, que vai para os confins de Portugal dentro em pouco! — observou Manuel.

— O pior para a Mãe é eu levar-lhe a Chica — disse Alberto, que estava à direita da mãe — mas fica tão acompanhada que não tenho muitos remorsos.

— A vida exige muito de todos nós — respondeu a mãe — e para que a tornemos verdadeiramente útil temos de pôr no segundo plano os nossos gostos pessoais. Não podemos deixar de dar muitas graças a Deus pela felicidade que temos! — acrescentou a boa senhora, comovida.

— O Pedro é quem deve falar primeiro — decretou Mário quando, à sôbremesa, se serviu o vinho do Porto.

— E faço-o com gôsto, rapazes — respondeu o mais velho.

— Você bota discurso? — preguntou Hugo.

— Poucas e boas serão as minhas palavras — retorquiu Pedro. E, erguendo o seu cálice de vinho dourado, disse, entre grave e risonho:

— Vamos beber pela nossa querida Mãe, antes de mais nada!

— Viva a Mãe!... — gritaram todos, levantando-se para ir beijar e abraçar D. Maria da Luz.

Quando se restabeleceu o sossêgo, Pedro continuou:

— Parece-me realmente que, na nossa vida de todos, há algumas boas conclusões a tirar e, perdoem a falta de modéstia... alguns exemplos a seguir!

Grandes risos acolheram esta declaração.

— Porque, se é certo que temos feito asneiras, é certo, também, que todos nós, pela Fé, pelo Trabalho, pela Coragem, pela Tenacidade, cada um da sua maneira, estamos bem servindo a Pátria!

— Bravo! Bravo! — gritaram muitas vozes.

— Vamos, pois, beber por tôda a nossa gente pequenina — que havemos de educar nos três ideais que têm sido os nossos: DEUS! PÁTRIA! FAMÍLIA!

As palmas vibrantes cobriam a voz de Pedro.

E o primo Esteves, com os bigodes molhados pelas lágrimas que não podia suster, rematou:

— Deixem-me dizer-lhes que eu também... eu também queria... eu julgo que... eu...

Não conseguiu nunca acabar a sua frase, o pobre primo Esteves; mas sentiu-se profundamente feliz sob os abraços, os beijos, os risos do rancho que tanto adorava!

....

E aqui termina a história desta familia portuguesa que através das vicissitudes da Vida, dos desgostos, das mortes, soube encontrar a Felicidade: no DEVER, no AMOR, na RECTIDÃO, no TRABALHO, na ALEGRIA!

FIM

MARIA VAI CASAR

— Eu não sou invejosa, Martha, tu bem o sabes — começou Maria, naquela tarde — mas às vezes sinto... que gostaria que as circunstâncias em que vou viver, quando casar, fôssem parecidas com as da Gracinda... — Martha olhou a irmã, um pouco admirada.

— E porquê, Maria?! Não compreendo bem o teu pensamento, confesso.

Maria suspirou fundo; depois de um momento tornou:

— O noivo da Gracinda é, sem dúvida, muito inferior ao meu adorado noivo. Mas... em que casa linda eles vão morar! Se tu visses, Martha, o que é a elegância das salas, o conforto dos móveis, o luxo do enxoval... — Martha disse, com vivacidade:

— Que importa, Maria? Levem vocês dois uma grande ternura, um verdadeiro amor, o gôsto pelo trabalho, o estimulo de melhorar, pouco a pouco, o confôrto do vosso lar...

— Vai ser bem modesto, Martha — cortou Maria, pensativa. — Falta-nos tanta coisa...

— Pois se queres que te diga, minha filha, acho bem melhor que assim seja. Eu conheci uns noivos, há anos, que casaram durante a formatura dêle em Coimbra: isto é, casaram pobres, para levarem vida de *estudantes*. Não imaginas quanto era modesta, mas deliciosa, a casa onde foram morar, no Penêdo da Saudade! Uma só criada fazia o serviço todo; e se essa mulher ia às compras de manhã, a *noiva* não hesitava em se cobrir com um largo avental e tratar da arte culinária!

Asseguro-te, Maria, que aqueles dois não trocariam a sua casinha modesta onde tanta coisa faltava pelo mais luxuoso palácio!...

— Oh Martha, tu encaras tudo atravez dum romantismo que já não é de hoje: a vida agora exige tanto...

— Exige mil patétices e mil inutilidades, queres tu dizer. E porque se não há-de reagir um pouco contra tais exigências?

— Não é possivel, Martha.

— É possivel, Maria; e aconselho-te a que o faças na tua vida de casada.

Se ofereceres ao teu marido: uma salinha de bôas poltronas, com flores frescas, almofadas garridas, livros interessantes sôbre a mesa, êle não pensará em salões luxuosos.

Se ao chegar do trabalho te encontrar bem vestida, bem penteada, bem risonha, e lhe apresentares um jantar saboroso e bem temperado, julgas que êle pensará noutra coisa que não seja saborear e gozar a tua presença?

— Tu achas??... — disse Maria.

— Se acho! Isto são coisas certas, positivas, vividas, Maria: não são fantasias românticas, como tu julgas — tornou a irmã — Mas para que se realisem é preciso que haja um sentimento profundo, sincero, absoluto, a ligar o casal...

Só isso terá importância, convence-te.

— Sim, sim... — murmurou Maria.

— E êsse sentimento é a base *única* da felicidade conjugal — concluiu Martha, gravemente.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

PORTUGAL

PAÍS DAS FLORES E DA SAÜDADE

FLORES, toda a fragilidade resumida nelas, tudo o que de mais belo há na terra!...

Possuidoras de um perfume suavíssimo e de côres maravilhosas fazem lembrar tão depressa alegria embriagante como tristeza sonhadora, enchem o lugar onde estão de paz e amor, tudo perfumam com o seu aroma.

Creio bem que se não houvesse flores sôbre a terra, esta seria mais triste.

Portugal é lindo em tôdas as estações, mas quando chega a primavera, e as plantas começam a florir, quando as árvores se cobrem de verdura, quando por toda a parte só se vêem flores, Portugal parece um país encantado, um país de fadas, um país de sonho.

Amo as flores, são elas as consoladoras da solidão.

Se eu tivesse um jardim, mandava-o encher das flores mais belas, mas sobretudo de rosas, de violetas, de margaridas e de saüdades, porque umas lembram a beleza frágil, alegria inebriante que parece reviver quando chegam os primeiros raios de sol, outras a poesia, a tristeza sonhadora, outras a beleza singela, a humildade, e finalmente a saüdade porque exprime um sentimento tão indefinível, que se evola de corações para corações, sentimento tão duradoiro, tão vivo e tão cruel! Saüdade dos que partem, saüdade de tempos mais felizes, saüdade dos que estão longe; saüdade da aldeia pequenina, daquela branca casita, que presenciou a nossa infância, as nossas alegrias e pesares, saüdade da Pátria tão bela, mas tão distante, dessa Pátria de Heróis e Santos em que o tom azul do Oceano e do Céu se confundem numa harmonia maravilhosa de côres, saüdade de Portugal em que tudo é poesia, dêsse cantinho tão belo e tão fecundo que em tempos remotos levou a Cruz de Cristo às cinco partes do mundo, e que tão bem simboliza a branca pomba da paz, saüdade da mãe amorosa e boa, cujo amor aquece a alma e nas horas da desventura nos dá sublimes lições de resignação, saüdade, qual sol ardente, sentimento tão próprio da imaginação viva dos portugueses, saüdade filha dêste País ditoso e belo!

Maria de Lourdes Santos Baptista
Infanta — Estremadura. Ala 2. Centro n.º 10

POR QUE DESFOLHAS AS FLORES?

¿POR que desfolhas, criança buliçosa e irrequieta, essa flor que encontraste no teu jardim?

¿Que prazer sentirás tu, ao tirares, uma a uma, as pétalas dessa rosa dum vermelho aveludado?

¿Não saberás, minha pequenina, que cometes uma feia acção?

— Mas que mal faz desfolhar uma rosa? — Olhem a grande coisa!!! — dirás tu, ao leres isto.

Faz muito mal, porque nós devemos ter o amor pelo belo, não destruir aquilo que enfeita a natureza.

¿Não reparaste como essa rosa se curvava sôbre as grades do teu jardim? Não notaste que ela se inclinava sôbre a sua haste, duma maneira graciosa?

Que dirá a tua mãezinha, quando vir as pétalas espalhadas pelo chão e souber que fôste tu que praticaste essa maldade? Ralhar-te-á e, talvez, até te castigue, porque essa flor foi a primeira que a roseira deu, pois ela plantou-a ainda há pouco tempo. Tratou dela com todo o carinho, regou-a sempre que foi preciso, e, quando viu o seu primeiro botãozinho, não se conteve de alegria.

E, se em vez de a desfolhares, a tivesses levado para o altar da Virgem Santíssima? Não terias feito melhor?

Se procedesses assim, a tua mãezinha ficava muito contente. Não lhe ouviste dizer outro dia:

— A primeira flor que a minha roseirinha der, há-de ser para o altar de Nossa Senhora.

¿Prometes, meu anjo, que nunca mais desfolharás uma flor, quer seja bonita ou feia?

Ah! meu amor, nunca mais faças isso. Mais uma vez te digo: vai colocá-la, no altar da Virgem Maria, que muito contente ficará contigo, por ver que és uma boa rapariga, boa cristã, boa portuguesa e boa filiada.

Maria Laura Teles Menezes Sampaio Carvalho
3.º Ano, filiada n.º 44.978 — Centro 1, Ala 4
Liceu de Santo Tirso

PORTUGAL

Meu Portugal bendito, creio em ti,
Na tua luz, nos teus dias de glória,
No imortal "LUSÍADAS" que li,
Nos feitos sem igual da nossa história...

Quantos heróis antigos nos legaram
Seus feitos imortais e tradições!...
Quantos grandes poemas nos deixaram
Tantos homens sem par, como CAMÕES...

Também muitas mulheres te ofertaram
Valentes filhos, que p'ra ti buscaram,
Numa vitória santa, um ideal...

E foram tantos os que te quizeram,
E foram tantos os que a ti se deram,
Que serás sempre grande, PORTUGAL.

Maria da Conceição Guedes da Costa
3.º ano — Turma A, n.º 1.461

Foto: Manuel Moraes